



Redacção e Composição
Rua Barjona de Freitas, 26-28
BARCELLOS

Fundador: Rogério Calás de Carvalho

Proprietários: Rosa Ludovina Cardoso de Carvalho (Calás) e irmãos

SEMANÁRIO REGIONALISTA
POR PORTUGAL — POR BARCELLOS

ASSINATURAS:

Ano 199800, Semestre, 50000, Trimestre 25000 — Metrôpole
Ano 179800 e 250000 por avião — Estrangeiro excepto Brasil
Ano 120000 e 200000 e 2 — Ultramar e Ilhas
Ano 120000 e 210000 e 2 — Brasil
Subscritores Os Sr. assinantes gozam do desconto de 10%

Director e Administrador

MÁRIO AUGUSTO VIANA DE QUEIRÓS (DR.)

SÁBADO, 1 DE NOVEMBRO DE 1975

Administração: Telefone — 82206 — BARCELLOS

Impressão: Companhia Editora do Minho

Preço Avulso 2\$50

UM SOLDADO QUE SAI DA FORMA

Fardava de soldado raso, uma farda pintalgada de cores dúbias, de camuflagem. Mas seria ele realmente um soldado, e não estaria ali também um sujeito pessoalmente camuflado, um civil a fingir de militar, como se diz que hoje por aí está a suceder?

É que o homem falava, falava, alto e bom som, para quem o queria ouvir, com uns ares de demagogo num comício, pregando uma ideologia subversiva.

Parecia, na verborreia intemperante, uma torneira destapada. E eram «gajos» a dar com um pau, e «pás» por uma pá velha, num baixo estilo de bodega, que fedia a ratos.

Mas isso ainda se tolerava. O que mais nos agadanhava a atenção eram as ideias truculentas e os propósitos sanguinolentos. Atravava-se às «cúpulas», como se fosse a cortar cabeças. E falava com rancoroso ímpeto de «reaccionários» e «fascistas», ameaçando «bombardeá-los» a todos em comum, duma assentada. Um racista, pronto a acabar com todas as raças, menos a racinha dele, já se vê!

Também a fisionomia era estranha, suspeita. Do rosto indeciso, ressaltava o bigode agressivo, e, a espreitar por cima do bigode, uns olhos metálicos, duros e frios, como lâmina de navalha.

Mas, o que ainda mais dolorosamente nos feria a atenção, naquele tipo de soldado, era a contradição entre a letra e a careta, entre a pessoa e a função.

Até agora, o soldado estava pronto a morrer pela Pátria; este, parecia disposto a matar os próprios compatriotas. Até agora, o soldado, onde quer que se encontrasse, era sempre a alegria de todos, a simpatia de todos; este aqui, pelos ditos e pelos modos, espantava e repelia. E prognosticava desgraças.

Soldado, meu filho, meu irmão, meu amigo! não deixes que algum droguista das ideias tóxicas te venha transtornar e desnaturar, que de idolatrado que tens sido até hoje faça de ti um indesejável, que se teme e se evita.

Soldado, querido soldado! não degeneres. És o defensor da Pátria: hoje, mais que nunca, a Pátria precisa de ti, da tua coragem, da tua disciplina, da tua lealdade. És filho do Povo: hoje, mais que nunca, o Povo precisa de ti, para sua defesa, para sua segurança.

*Soldado, amigo soldado,
não me faças guerra, não,
que o noivo da minha irmã
já o tembo por irmão.*

ABEL GUERRA

*Trago uma pomba no peito,
e tu vindo hei-de-a soltar,
em sinal que à minha beira
boa sombra há-de encontrar.*

DO SOPÉ DO FACHO

Abusos e as suas Consequências

A respeito duma triste notícia divulgada em «O Comércio do Porto» a semana passada:

Um individuo sentiu barulho no quintal da sua residência, levantou-se e avistou uns bustos no quintal da sua casa, eram 3 horas da madrugada. Talvez apavorado, deitou mão da sua caçadeira e disparou em direcção ao local, onde lhe pareceu encontrar-se alguém.

Foi atingido um individuo dos do grupo, que, segundo versão dos companheiros, andavam à caça de pardais.

Dr. AIRES FARIA DUARTE

É com satisfação que soubermos das melhoras deste nosso distinto Amigo, abalizado Médico barcelense e prestimoso Director da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Braga.

S. Ex.^a, já se encontra na sua casa de Barcellos, o que nos apraz registar, com muito regosijo.

«Diz a notícia que o atingido foi vítima da insegurança, face ao aumento da criminalidade e do modo fácil como é permitido o apertar do gatilho no nosso País.»

Esta notícia e o modo como foi divulgada, chamou-nos à atenção, porque não compreendemos, ou melhor, fez-nos reflectir a maneira como o jornalista se exprimiu, ou a qual dos dois queria referir ou incriminar: Se ao que levou o tiro por ter morrido, se do que atirou por ter apertado o gatilho. Se é a este, discordamos.

É de facto lamentável, que um jovem, — note-se, um jovem já com 29 anos — idade bastante já para reflectir, mas é de facto caso para reflectir, mas é de facto caso para lamentar, ter tombado para sempre, quando andava à caça de pardais.

Mas perguntamos nós: quem, nestes tempos que atravessamos e lê as notícias dos jornais diários, do que se observa todos os dias e a qualquer hora, não atiraria também para quem, àquela hora, assustadoramente se apresentasse dentro do seu quintal, junto à sua residência, e, de mais a mais às 3 horas da madrugada?

(Continua na 3.ª página)

CONSIDERAÇÕES

Pelo Dr. Mário A. Viana de Queirós

Cento e setenta fabianos, que mais parecem vândalos ou FURIOSOS representantes da barbárie, assaltaram, ocuparam, e destruíram móveis e demais pertencas do Governo Civil de Faro... assim a modos de imporem a sua minoritária vontade ao 6.º Governo Provisório que havia, por bem, procedido à substituição do Governador Civil do Distrito, ao que parece de fraca implantação popular.

Diga-se ainda que as tropas, a quem compete velar pela integridade da Pátria, primaram pela inoperância e nem sequer obstaram à prática dos actos de vandalismo que mais empobreceram a já tão periclitante situação do erário nacional.

O povo algarvio que já sofre, e bem, os efeitos da anarquia em que temos vivido e que destruiu o aporte

substancial de divisas que os turistas por lá deixavam, resolveu desalojar os assaltantes, actuando à velha maneira portuguesa. E fê-lo de tal forma que se não fôra a pronta e zelosa intervenção das tropas, que procederam à evacuação dos ocupantes, a estas horas jazeriam no hospital de Faro, entregues aos doutos cuidados da equipa do Dr. Freixo Osório, braços e pernas, cabeças e costas, mimoseados e estilhados pelos varapaus populares.

É que o velho e heroico povo Lusitano não precisa de blindados nem de G3 para impor a justiça popular; bastam-lhe os varapaus, que já os antepassados brandiam com maestria, por serem as armas mais portuguesas, mais convincentes... e mais eficazes!

E, agora, pergunta-se: — seremos ainda nós, os ordeiros e pacatos trabalhadores, a pagar mais esta fantochada dos arruaceiros apostados na destruição de Portugal?

GOVERNADOR CIVIL DE BRAGA

No acto de posse do novo Governador Civil de Braga, Sr. Engenheiro Eurico Teixeira de Melo, Sua Excelência o Senhor Ministro da Administração Interna, disse:

Senhores Governadores,

Eu não podia nem devia, na minha qualidade de Ministro da Administração Interna, no momento da posse dos primeiros governadores civis por mim nomeados, deixar de, em nome do VI Governo Provisório, dirigir a todos uma palavra de vivo apreço pelo espírito de sacrifício, pelo patriotismo e determinação de servir que a aceitação do cargo representa.

Não é hoje novidade para ninguém — sobretudo depois da recente comunicação ao país do Senhor Primeiro Ministro — que atravessamos uma grave crise que poderá até vir a pôr em risco a própria independência nacional. Nestas circunstâncias participar em actos governativos é uma missão de transcendente dificuldade que impõe uma dedicação total com sacrifício do mais elementar sossego e bem estar.

Porém, a convicção de que se está travando uma batalha decisiva para o êxito da Revolução Portuguesa deve dar-nos ânimo para prosseguir. Estou seguro que possuis esse ânimo e, por isso, convicto que juntos haremos de contribuir para a construção da democracia e do socialismo no nosso país.

Meus Senhores,

Para o VI governo, governar

não é fazer leis que vão para o Diário do Governo e por lá se quedam ináteis para deleite apenas de alguns estudiosos, tal como sucedeu com muitas das leis promulgadas na vigência da Primeira República.

(Continua na pág. 2)

SARRABISCOS

(VII)

por GIL

Quando «estes» andarem por aí a ser lidos, se o forem, é dia de crisântemos.

Há-os de muitas cores. Brancos e vermelhos e amarelos e roxos, como os gladiolos. Copados mais que o ástear e a fugir para a robânia e a hortência o crisântemo simboliza, em todo o mundo, a dor da saudade.

Se branco, pode afestoar altares, liderar em festa de anos ou festa nupcial, fazendo a cobertura a ramalhetes de outras flores e fustes — murta, pépalas de lírios e jacintos —; vermelho-rosa vai a romarias de mãos dadas com tulipas, e rosas, e camélias, e malmequeres; os roxos, esses,

cor das chagas, vão parar, aos molhos ou singulares, ao campo-santo.

É dia de Finados!
Uma como que ronda de saudade, de homens, e mulheres, e

(Continua na 4.ª página)

QUADRAS O TEMPO MUDOU

*Com tanta ilusão perdida
O meu coração cansou.
E quase no fim da vida
Todo o meu tempo mudou.*

*Sempre, sempre amordaçado,
Pelo mal que de mim dizes
Tenho o meu corpo marcado,
Marcado de cicatrizes.*

*O meu peito esfarrapado
Vive cheio de desdêns...
O homem que é desgraçado
Até lhe ladrar os cães!*

*Que grande adversidade,
Que grande contradição,
A gente falar verdade
E ninguém nos dar razão.*

*Nem um abraço do amigo
Nem um aperto de mão.
Só encontro o inimigo
Só encontro o mau ladrão.*

*É grande a minha desdita
É grande a desilusão.
Nenhuma cara bonita
Aquece o meu coração!*

JAIME LÚCIO

Dela Franqueira

por Alvaro Correia

Gois e freguesias circunvisinhas em Festa, essencialmente religiosa e o Santuário Mariano da Franqueira a rejubilar-se com a visita dos seus Peregrinos, dignamente presidida pelo zeloso sacerdote Sr. Padre Domingos Ribeiro. Povo que cre e com Fé caminha. É assim todos os anos e no último domingo de Outubro que se realiza tão briosa e piedosa Jornada Eucarística. É assim também, que a sirosa e saudável Juventude dá testemunho da sua fidelidade e união à Igreja. Povo que rema, canta e vive com alegria e o peso

da sua Cruz, levemente é notado. E tudo isto vem de há dois mil anos e a Esperança é o Grande Cireneu para melhores dias que se avizinham. Esperança do crente a reanimar os que vacilam e a reprimir os que cegamente se deixam influenciar pelo egoísmo, vaidade e comodismo, atados de pés e mãos ao pernicioso e doentio materialismo tão condenado pelos Evangelhos.

Eis porque é belo assistir ao caminhar dos Peregrinos com ru-

Continua na página 4

No acto de posse do Novo Governador Civil de Braga As Termas do Eirogo e a grande recuperação

(Continuação do último número)

(Continuação do discurso de Sua Ex.cia o Sr. Ministro da Administração Interna)

Para o VI governo, governar é certamente também publicar leis; mas leis que sejam exequíveis e venham efectivamente a ser cumpridas.

Para o VI governo, governar é pôr em execução, para nem tudo se perder, as leis revolucionárias que publicadas ainda nos governos anteriores não chegaram a ser cumpridas, estando contudo adaptadas ao momento actual, pois de nada nos valem leis, orquestradamente acolhidas de modo festivo, se não se cuida da sua aplicabilidade.

Para o VI governo, governar é criar as infraestruturas de execução das leis, de modo a pô-las a funcionar no quotidiano e assegurar para elas uma prática que vingue correctamente e assim torne irreversível o comandamento que implicam.

Para o VI governo, governar é ainda agir de acordo com as leis em vigor, pois enquanto estas não forem revogadas, tanto obrigam a Administração como os Administrados, sendo a única forma de não cair na anarquia e na arbitrariedade, e dar segurança ao agregado social.

É óbvio, portanto, que se torna decisivo resolver prioritariamente a crise de autoridade e disciplina, uma vez que sem estas, não será possível cumprir qualquer programa do Governo.

Por isso, por sentirem que, se o VI governo conseguir vencer a batalha da autoridade e da disciplina, a democracia a caminho do socialismo será uma realidade no nosso país é que os nossos inimigos nos atacam, sobretudo, nesse domínio.

Quais são, para além da implementação dos factores que permitam o exercício da autoridade, e contribuam portanto, para o estabelecimento da ordem e tranquilidade pública, embora num contexto simultaneamente revolucionário e respeitador das liberdades democráticas, as grandes tarefas que a este Ministério se deparam?

De acordo com o Programa do Movimento das Forças Armadas, a Plataforma de Acordo Constitucional, o Plano de Acção Política e o Programa Político do VI Governo apresentado ao país pelo Almirante Pinheiro de Azevedo em 13 de Setembro, e como seu corolário, essas tarefas podem generali-

mente esquematizar-se da forma seguinte:

— conciliação entre as práticas da democracia directa e o pluralismo partidário;

— reforço da democracia local e regional;

— descentralização da vida político-administrativa, estudando e dando corpo aos projectos de reordenamento do território;

— revisão, à luz do sentimento local, da constituição de algumas autarquias locais, em moldes que não perturbem a regularidade e boa marcha da vida administrativa dessas entidades;

— moralização e dinamização da Administração Pública;

— redução da perturbação política existente nos arquipélagos dos Açores e da Madeira;

— participação na atenuação dos problemas levantados pelo regresso de nacionais que estavam fixados nas antigas colónias;

— preparação das próximas eleições;

— ulimação dos trabalhos para reestruturar e reorganizar o Ministério da Administração Interna por forma a torná-lo mais eficaz do ponto de vista funcional.

Perante a dimensão que muitos consideram quase apocalíptica da crise que enfrentamos bem pouco nos deveria preocupar o terrorismo verbal que impende sobre o Governo e também sobre todo o Povo português, se ele não estivesse criando um preocupante clima de intranquilidade e angústia com reflexos em toda a sociedade.

Esse terrorismo, que se processa através da manipulação e instrumentalização de pequenos grupos, ou no empolamento artificial do eco de factos apresentados por forma incompleta ou distorcida, poderá, não tenhamos qualquer dúvida, matar a revolução portuguesa, entendida esta como projecto dinâmico de construção de uma sociedade estruturada em moldes radicalmente novos onde o homem aí se integre sem alienações e não seja objecto de aviltante exploração por parte de outros homens.

Que quem desencadeia esse terrorismo, ou dele é mero instrumento, se compenetre, por um lado, das funestas consequências que os seus actos poderão vir a ter e, por outro, que o povo se não deixará ludibriar e tarde ou cedo os responsabilizará pelo despendorado sectarismo sob o qual lhe é apresentado o conteúdo dos fenómenos políticos.

Afloramos aqui em termos suficientemente precisos a primeira, principal e decisiva preocupação deste Governo, o exercício da autoridade, a ordem e a tranquilidade pública. Este é, efectivamente, um domínio onde se tem de actuar, e já procurando criar as infraestruturas necessárias à luta contra as acções de marginais e contra a criminalidade. Ao nível dos distritos tem a intervenção dos Governadores Civis, como responsáveis pela respectiva segurança pública, um papel de grande relevância. Reconheçamos, contudo, que esta tarefa, se bem que urgente, requiere tempo e perenidade. Tempo porque os serviços não se reestruturam de um dia para o outro, e nada praticamente foi feito até aqui. Serenidade, para que não pensa ser apelidada de repressão e que é a defesa contra o crime.

Não temos dúvidas que a vossa nomeação em substituição de outros será classificada — e já o está a ser — por conveniência de certos sectores, como «saneamento à esquerda». É preciso que fique bem claro que não se trata de nada disso. O seu afastamento de alguns governadores resulta ou de pedido expresso nesse sentido formulado pelos interessados, ou de conveniência imperiosa de serviço à luz dos pressupostos que estiveram na base da constituição do VI Governo. O critério da designação dos governadores civis obedece a uma metodologia bem clara e patente cujos ter-

mos gerais, nas actuais circunstâncias em que não existe um processo eleitoral de escolha — caso em que o Governo estaria vinculado aos respectivos resultados — a seguir se enumeram.

O Governador Civil é o representante do Governo em cada distrito. Em face das reformas que se projectam, ele tem de ser, ao nível daquela autarquia, o garante da execução da política do Governo, inteiramente identificado com ela e assegurando de antemão o seu cumprimento, em termos de isenção, competência e idoneidade. Procura-se ainda, naturalmente, a conciliação possível com o que se admite possa ser a actual implantação partidária nas diversas regiões do país. São somente estes condicionalismos, e só estes, que podem e devem motivar a substituição dos Governadores Civis.

O que se pretende é que sejam não os executores da sua política ou dos partidos onde porventura militam, mas os executores da política do Governo.

Estou certo Senhores Governadores que será assim que ides proceder.

Nascimento

Na passada terça-feira, dia 28, na sua sua residência, sita no Bairro 1.º de Maio, deu à luz um menino com o peso de 3.750 gramas, a Sr.ª D. Isabel Maria Cardoso Gonçalves, esposa do nosso bom amigo, Sr. Manuel da Silva Dias Pimenta (Vieira), empregado da Companhia Editora do Minho, nesta cidade.

Ao simpático casal, enviamos os nossos parabéns e que o futuro para o bebé seja cheio de felicidades, são os nossos sinceros votos.

CARVALHAL

Casamento

Na Ermida de Nossa Senhora da Franqueira, realizou-se no passado dia 11 de Outubro, o enlace matrimonial da gentil menina Ana Barros da Silva, filha da Sr.ª Laurinda de Oliveira Barros e do Sr. Domingos Pinto da Silva, naturais desta freguesia de Carvalhal.

Com o jovem José Miranda Barroso, filho da Sr.ª Beatriz da Conceição Machado e do Sr. Domingos Henriques Miranda Barroso, natural da freguesia de Creixomil.

Foi celebrante o Rev.º padre José Miranda, pároco de Creixomil, amigo íntimo da família do noivo; estando também presente o Rev.º padre Mariz, pároco da freguesia de Pereira.

Foram padrinhos o Sr. Joaquim Ferreira e esposa, comerciantes e residentes na cidade do Porto.

No final das cerimónias religiosas, foi servido a muitas dezenas de convidados vindos de diversas cidades: — Lisboa, Porto, Braga e Barcelos, um lauto almoço na pousada da Franqueira.

Aos brindes falaram vários oradores, enaltecendo as qualidades dos noivos e seus familiares. No final falou o Rev.º padre José Miranda, que fez referência aos noivos e a todos os oradores.

Ao novo casal que seguiu viagem de núpcias para o sul do País, auguramo-lhes as maiores felicidades.

Novos Assinantes

Deram-nos a honra de se inscreverem como assinantes do Jornal «O BARCELENSE», mais os seguintes Senhores:

David de Sousa Tomás, Armindo Gonçalves Ferreira e Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais.

A todos estes nossos ilustres clientes enviamos o nosso muito e muito obrigado.

E porque assim foi, e assim continua a ser, com aparelhagem mais tosca ou mais sofisticada, as nossas Estâncias Termas terão que se apetrechar convenientemente e passarem a ser, como realmente serão, os melhores, se não os únicos centros de verdadeira recuperação do organismo humano.

É que, a par de todas quinésias, de todas as fisioterapias, e de todas as demais medidas médico-cirúrgicas destinadas à correcção do órgão doente ou aleijado, há que considerar o doente como um todo, com as inerentes distorções que afectam fatalmente as principais funções da sua economia, já do ponto de vista circulatório, respiratório, metabólico, nervoso, etc.

E que assim é, e que a recuperação termal associada aos demais métodos normalmente utilizados é mais fácil, mais rápida, mais eficaz e até melhor aceite pelos doentes, tenho-o constatado em milhares de casos que já tratei ali no Eirogo onde, apesar de todas as deficiências de pessoal e de apetrechamento, se obtêm resultados muito mais espectaculares que os conseguidos nos bens e modernos centros de recuperação dispersos pelo mundo.

A ideia do aproveitamento das extraordinárias qualidades da nossa água termal no tratamento dos deficientes físicos foi-me sugerida por um jovem e talentoso ortopedista português — o Doutor Freixo Osório —, que acabara de regressar de Munique, onde trabalhara durante 8 longos anos e onde chegara a desempenhar o lugar de primeiro assistente da sua Faculdade de Medicina. De mãos dadas com outro não menos talentoso ortopedista — o Doutor Agostinho Pinto de Andrade, que também estagiara nos principais centros ingleses, montaram um pequeno e muito modesto centro de recuperação termal onde procedemos aos primeiros ensaios em doentes do foro ortopédico. Os resultados foram espectaculares e em muitos casos cientificamente imprevisíveis.

O doutor Castelo Branco acabou por nos acompanhar no entusiasmo, relatados que lhe foram os primeiros casos da nossa experimentação.

Quisera poder vir aqui expôr-nos com mais cuidado e com maior rigor científico algumas das muitas verdades e convicções obtidos na já longa experiência deste pobre e modesto João Semana.

A vida não me permitiu e o prazo de que dispus para alinhar estas descoloridas considerações mal excedeu as 24 horas de um dia normal de trabalho.

Imposição do Dr. A. Varejão Castelo Branco de Sousa, a quem inteiramente responsabilizo de todos

os dislates desta exposição que vos obrigamos a fastidiosamente ingerir. As minhas desculpas, portanto.

Antes de terminar eu quero apelar para os doutos colegas aqui presentes e para a Sociedade Portuguesa de Hidrologia no sentido de estudarem, e experimentarem e divulgarem a cota parte, principal a meu ver, que à maioria das águas termas portuguesas poderá caber na recuperação total ou parcial dos deficientes portugueses, peso-morto que pode, e deve, largamente contribuir para a tão necessária e premente recuperação nacional.

Proceda-se a uma bem estruturada e convincente campanha de ilicuidação nacional que aos poderes públicos, e aos políticos, nada mais restará que dotar-nos das condições e dos meios necessários à nossa última e indispensável colaboração... a bem do povo de Portugal!

E o povo é quem mais ordena... lá o diz a cantiga, ao menos!

Termas do Eirogo, 2 de Outubro de 1975.

Mário Augusto Viana de Queiroz
Director Clínico

Nesta Redacção DE ANGOLA

Foi com grande satisfação que recebemos nesta Redacção, o nosso estimado assinante, Sr. Casimiro Fernandes da Silva, sua esposa D. Maria Helena, sua filhinha e seu amigo Sr. Eduardo, que vindos daquela Província, não quiseram deixar de nos apresentar os seus cumprimentos, a quem agradecemos a sua visita.

DO BRASIL

Tivemos a visita do nosso amigo Sr. José Luís Figueiredo Pedras, que se encontra em Barcelos, em casa de seus familiares, para passar uma temporada, a este ilustre Barcelinense, radicado em Manares, agradecemos os seus amáveis cumprimentos apresentados nesta Redacção.

Dos nossos Amigos

Do Ex.mo Senhor Dr. Aires Faria Duarte, foi-nos entregue pelo Sr. António Vilas Boas, a importância de 150\$00, para os fundos deste Semanário, a quem estamos muito gratos a sua Excelência.

POR VILA F. S. MARTINHO Homenagem do Grupo Coral ao seu Director Artístico

Nestes tempos conturbados em que vivemos é confortante verificar que o sentimento da gratidão ainda continua latente no coração da gente jovem da nossa terra.

Vem estas palavras a propósito da significativa homenagem que o Grupo Coral Misto de V. F. S. Martinho, prestou ao seu dedicado e incansável director-artístico, Sr. José Manuel Lopes da Silva, por ocasião do seu aniversário natalício, ocorrido na passada terça-feira, dia 28 de Outubro.

Homenagem merecida, pois se esta freguesia se orgulha de possuir uma bela igreja, igualmente se orgulha de possuir um Grupo Coral valioso, que em actuações quer na nossa igreja paroquial, como em outras localidades, tem sido sempre ouvido com agrado geral. E isso é obra do seu competente e dedicado maestro.

Por isso os elementos do Grupo Coral, acompanhados dos seus chefes José Maria Ferreira de Lima e Gracinda Brás de Sousa, acompanhados do Rev.º Pároco José Fi-

gueiredo do Vale Novais, reuniram-se com o homenageado e família em alegre e franca confraternização, num jantar que se efectuou no Restaurante Muralha, a que se associaram alguns convidados, amigos íntimos do homenageado, entre eles o Director dos Capuchinhos Rev.º Padre Américo dos Santos Pereira, Dr. Vasco de Faria José Augusto Fontainhas e esposa, José Ribeiro Novo, Fernando Gandarela, e ainda representantes dos Corais de Arcozelo e V. F. S. Pedro.

Ao homenageado foram oferecidas artísticas lembranças, tendo usado da palavra os Sr. Ribeiro Novo, Padre José Figueiredo do Vale Novais, Dr. Vasco de Faria e Rev.º Padre Américo S. Pereira, que felicitaram o homenageado e se referiram à actividade que com sacrifício tem desenvolvido em prol dos Grupos Corais na nossa terra. No final, o Sr. José Manuel Lopes da Silva, muito sensibilizado agradeceu as palavras amigas que lhe dirigiram.

DIAS, REAL & C.^A, L.^{DA}

Certifico que, por escritura de 12 do corrente, lavrada de fl. 96 a fl. 97 do livro de escrituras diversas n.º 12 D do 1.º Cartório da Secretaria Notarial de Barcelos, a cargo do notário Dr. Vitor António Marques Júnior, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada entre Manuel Dias da Silva, casado, natural da freguesia de Abade do Neiva e residente na Avenida de Paulo Felisberto, freguesia de Arcozelo, ambas deste concelho de Barcelos, José Carlos de Lima Deus Real, casado, natural da freguesia de Vila Frescaimha (S. Pedro) e residente na Rua de Miguel Ângelo, 113, freguesia de Barcelinhos, ambas deste concelho, e António Avelino Dias da Silva, solteiro, maior, natural da dita freguesia de Abade do Neiva, onde reside no lugar de Amorim, a qual se regerá pelo pacto social constante dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma de Dias, Real & C.^A, L.^{DA}, e tem a sua sede na Rua de D. António Barroso, 62, da cidade de Barcelos, e durará por tempo indeterminado com início nesta data.

2.º

O objecto social é o comércio de malhas, modas e pronto-a-vestir, podendo a sociedade exercer qualquer outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e que não dependa de autorização especial.

3.º

O capital social é de 200 000\$, integralmente realizado, em dinheiro, e correspondente à soma de três quotas: uma de 70 000\$, pertencendo ao sócio Manuel Dias da Silva; outra de 70 000\$, pertencendo ao sócio José Carlos de Lima Deus Real, e outra de 60 000\$, pertencendo ao sócio António Avelino Dias da Silva.

4.º

A divisão e cessão de quotas a estranhos dependem de prévio e expresso consentimento da sociedade; porém, entre sócios são livremente permitidas.

5.º

1 — A gerência, dispensada de caução, pertence aos três sócios, que dividirão entre si os respectivos serviços, sendo necessária a intervenção de dois sócios para representar a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente, e para a obrigar em todos os seus actos e contratos.

Quinta da S.ta Comba

Na freguesia da Varzea—Barcelos VENDE-SE com casa solaranga e Capela.

Aceitam-se propostas até 15 de Novembro
Rua do Caires, 193-2.º—Braga

PASSA-SE

CAFÉ E PASTELARIA, no centro da Cidade com muita clientela.

Motivo de doença do proprietário.
CARTA à Redacção ao n.º 5

Quinta das Capelas

VENDE-SE a 150 metros do Mercado Municipal, de Barcelos aceitam-se propostas até ao dia 15 de Novembro.

Rua do Caires, 193-2.º—Braga

A S. Judas Tadeu e Menino Jesus de Praga

Agradeço graças recebidas e peço protecção.

Júlia A. Fernandes

2 — É expressamente proibido a qualquer dos sócios gerentes envolver a sociedade em abonações, fianças, letras de favor ou em quaisquer actos ou contratos estranhos à sociedade e, se o fizer, a sociedade não ficará obrigada e o contraventor ainda terá de a indemnizar de qualquer prejuízo que lhe cause por esse motivo.

6.º

Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões de assembleia geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias, pelo menos, de antecedência.

7.º

Por falecimento ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com os sobreviventes ou capazes e os herdeiros do falecido ou representantes do interdito, nomeando aqueles um de entre si que nela a todos represente enquanto a quota se conservar indivisa.

8.º

Em caso de dissolução da sociedade serão liquidatários os sócios, que procederão à liquidação e partilha dos haveres sociais pela forma deliberada em assembleia geral, ficando, porém, desde já convenção que, se algum deles pretender ficar com os bens sociais, estes serão licitados verbalmente entre os sócios e adjudicados ao que melhores preço e forma de pagamento oferecer.

Vai conforme com o original, na parte transcrita.

Secretaria Notarial de Barcelos, 15 de Setembro de 1975.

O Ajudante

Alberto Pereira Azevedo



Joaquim Gomes Dantas Lopes

José Gomes Dantas Lopes

Agradecimento e Missas do 30.º dia

A família dos queridos finados recebeu com sentida gratidão as demonstrações de condolência, amparo e fervoroso carinho, que pessoas de suas relações e amizade lhe prestaram, acompanhando-a no angustiante acontecimento. Sensibilizada por tanta bondade, serve-se deste único meio para expressar aos bondosos Amigos, tanto de longe como de perto, o mais profundo, sincero e indelével agradecimento.

Aproveita a oportunidade para pedido de assistência às missas do 30.º dia, que serão celebradas na Igreja Paroquial de Arcozelo, na próxima sexta-feira, de 7, pelas 20 horas.

Barcelos, 1 de Novembro de 1975

A FAMÍLIA

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial do Concelho de Esposende, a cargo do notário Dr. Vítor Manuel Leite da Mota

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que no dia 23 do corrente mês de Outubro de 1975, de fls. 34 V.º a 36, do livro de notas B-n.º 169, de escrituras diversas, deste Cartório, foi lavrada uma escritura de JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL, pela qual ANTÓNIO MARQUES DE MAGALHÃES e mulher D. MARIA ELVIRA MENDES RIBEIRO, casados sob o regime de comunhão geral, ele natural da freguesia de Valbom, do concelho de Gondomar e ela da do Bonfim, do concelho do Porto, residentes na Rua Marias de Albuquerque, n.º 222, da cidade do Porto, declararam ser donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, de um prédio urbano, constituído por uma casa com pavimento, des-

tinada à guarda de utensílios agrícolas e de mar, sito no lugar da PRAIA DE CEDOVEM, da freguesia de Apúlia, deste concelho, a confrontar pelo norte com Manuel Ribeiro de Azevedo e pelos restantes lados com caminhos, não descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho, conforme consta da certidão nela passada em 20 do corrente e inscrito na matriz urbana sob o art.º 1229, com o valor matricial de 12.960\$00.

— Que compraram este prédio por escritura de 26 de Novembro de 1971, exarada de fls. 72 V.º a 73 V.º do livro de notas B-n.º 152, de escrituras diversas, deste Cartório, por 50.000\$00, valor que ora atribuem, a MANUEL FERNANDES DA TORRE e mulher ROSÁRIA GONÇALVES FARINHAS, casados sob o regime de comunhão geral, ele natural da freguesia de Santa Eugénia (Rio Covo), do concelho de Barcelos e ela da referida freguesia de Apúlia, residentes no lugar de Areia, da dita freguesia de Apúlia.

— Que não dispõem de título para registar na Conservatória o dito prédio em nome desses transmitentes que, todavia eram ao tempo da venda os únicos e exclusivos donos do prédio, pois estavam por si e antecessores que representam na detenção e fruição desse prédio durante mais de 30 anos.

— Que essa detenção e fruição foi adquirida e mantida sem violência e exercida sem interrupção e sem qualquer oposição ou ocultação, ou seja de modo a poder ser conhecida por quem tivesse interesse em contrariá-la.

— Que esta posse assim mantida e exercida em seu próprio nome traduzindo-se no facto daquêles transmitentes terem utilizado e disfrutado todas as utilidades económicas desse prédio, foi sempre pacífica, contínua e pública e, durante mais de 30 anos lhes facultou a aquisição do direito de propriedade deste prédio por USUCAPIÃO, direito esse que, pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal.

É CERTIDÃO NARRATIVA QUE FIZ EXTRAIR E VAI CONFORME AO ORIGINAL, A QUE ME REPORTO, NO QUAL NADA HÁ EM CONTRÁRIO OU ALÉM DO QUE SE NARRA E TRASCREVE.

ESPOSENDE E CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO, AOS VINTE E SETE DE OUTUBRO DE MIL NOVECEN-TOS E SETENTA E CINCO.

O AJUNDANTE

(a) Francisco Gomes da Costa

Empregado

Precisa-se para lavoura, casa de respeito; pessoa de boa reputação e de preferência de 18 a 30 anos com ordenado e condições a combinar.

Informa a redacção.

«O Barcelense» N.º 3351 de 1-11-1975

REPARTIÇÃO DE FINANÇAS DE BARCELOS

ARREMATIÇÃO

2.ª publicação

Faz-se público que, pelas 10,30 horas do dia 13 do próximo mês de Novembro, à porta desta Repartição de Finanças, proceder-se-á à arrematação, em hasta pública, de uma casa de um pavimento e terreno com a área aproximada de 23.000 m², sita no lugar de Amoras, da freguesia de Arcozelo, inscrita na matriz urbana sob o artigo 40 e na matriz rústica sob o artigo 136, penhorada a Maria Judith Pereira Ferraz e Menezes Quintela, residente na Av.ª João XXI, 18—3.º E, na cidade de Lisboa, na execução fiscal n.º 686/74 e apenso que corre, nesta Repartição, contra a mesma, por dívidas em que é exequente a Fazenda Nacional

O valor base de licitação é de 29.200\$00

São citados os credores incertos e desconhecidos.

O Chefe da Repartição,
Manuel Ferreira de Pina

O escrivão,
Agostinho Rodrigues Martins

CASSETES 50\$00

CARTUCHOS 90\$00

Gravados em Stereo
Impecável

Envio catálogo de Músicas
grátis.

PEDIDOS À COBRANÇA PARA
Aleixo Martins de Sousa
R. Monte dos Pisos, 209
Custóias — MATOSINHOS

Compra-se

CASA, pequena, devoluta, de construção antiga, mesmo precisando de obras, na cidade ou arredores ou quinta c/casa, muita água e pelo menos 50% de brávio. Indicar preços e mais detalhes. Não interessa intermediários.

Informa redacção.

Achado

Encontrou-se uma certa importância em dinheiro, no centro da cidade, que se entrega a quem provar pertencer-lhe. Terá que pagar o anúncio.

Informa esta redacção.

ARMAZEM

ALUGA-SE,

Serve para qualquer ramo de negócio.

Largo D. António Barroso n.º 12

Graças Recebidas

de S. Judas Tadeu, Santo Condestável e Alexandrina

Maria

Agradece O.R.B.

Mário Vieira

Diplomado em Alfaiataria
e Modelista Industrial

AV. da LIBERDADE, 23—1.º
BARCELOS

A S. Judas Tadeu,
S. Bartolomeu do Mar
e Santo António

Agradece graças Recebidas

R.M.B.

Leia e divulgue

O BARCELENSE

PRÉDIO COM 4 FOGOS

VENDE-SE

Construção nova, situado a 1 km da cidade
Estrada Bancelos — Póvoa de Varzim.

Trata a Firma «Soprojectos» Rua D. António
Barroso, 138—1.º Telef. 83051 — BARCELOS

ALUMINIOS ANODIZADOS
FABRICA — SIALAL

CASA ESPECIALIZADA NA CONSTRUÇÃO DE
CAIXILHARIAS EM ALUMÍNIO ANODIZADO (de
origem alemã) E CONSTRUÇÕES METÁLICAS.

Entre muitas obras executadas pela «Fábrica Sialal» salientam-se, em Barcelos — «Torre Alcaldes de Faria» e em Pão — Esposende — «Torres do Ofir».

SNRS. CONSTRUTORES:

Para as vossas obras prefiram os serviços da «Fábrica Sialal», solicitando orçamentos.

QUALIDADE E PERFEIÇÃO

Fábrica Sialal

Bairro de Santa Marta (Junto à Estação C. F.)

Telef. 82186 P. P. C.

BARCELOS

A. Enrico Soucasaux

Av. dos Combatentes da Grande Guerra
154 — B A R C E L O S — 156

Agente — Grundig Motores para rega e Rádio e Electricidade e Amplificações sonoras para arraisais e Igrejas e Oficinas de T. S. F. e Máquinas de escrever e calcular

Ó P T I C A

PELO PAIS FORA SARRABISCOS

(Continuação da pág. 1)

- O Primeiro Ministro comunicou ao País que as contas públicas se saldarão com um déficit superior a 30 milhões de contos, contra 11,2 de 1974.
- Para o cargo de reitor da Universidade Nova de Lisboa, os trabalhadores deste estabelecimento de ensino decidiram propor ao MEIC o Prof. Vitorino Magalhães Godinho, visto ter sido aceite a demissão do Prof. Erasmo da Silva.
- O Episcopado Português tornou pública, em Nota Pastoral, a possibilidade de os fiéis receberem a Sagrada Comunhão directamente na mão.
- Os emissores de onda média da Rádio Renascença de Lisboa, selados por ordem da Presidência da República, foram ocupados por elementos da extrema-esquerda.
- Pelas quatro e meia do dia 17 de Outubro, explodiram dois petardos junto do Paço Arquiepiscopal de Braga, os quais tinham sido encostados à base do muro que tem os azulejos com a imagem da Senhora do Sameiro.
- Segundo comunicado do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, os elementos civis que tenham material de guerra devem entregá-lo imediatamente, sob pena de prisão maior de dois a oito anos e de multa de dez a mil contos.
- O Doutor David Mourão Ferreira não aceitou o convite para Secretário de Estado da Cultura.
- Foram abolidas as isenções de franquias postais, cujo valor ultrapassava anualmente a centena de milhares de contos.
- Para Reitor da Universidade Nova de Lisboa foi nomeado o Prof. Eng.º Manuel Fernandes Lorangeira.
- Um porta-voz do Partido Revolucionário do Proletariado-Brigadas Revolucionárias (PRP/BR) declarou: «Usámos as nossas armas contra o regime fascista derrubado em 25 de Abril de 1974 e não as entregaremos até à classe operária ter chegado ao poder.
- Dum automóvel que se pôs em fuga foi arremessada uma bomba contra a sede do CDS em Leiria.
- Pediu a demissão do cargo de Governador Civil de Braga o Dr. José Sampaio e foi nomeado para o substituir o Eng.º Eurico da Silva Teixeira de Melo, natural de Santo Tirso e residente em Guimarães há muitos anos.
- Por lhe ter sido truncada uma crónica publicada no «Tempo», a jornalista Vera Lagoa deixou de colaborar naquele semanário.
- O Conselho Permanente da Conferência Episcopal publicou uma Nota Pastoral criticando a liberdade de ensino na nova Constituição.
- As Brigadas Revolucionárias separaram-se orgânicamente do Partido Revolucionário do Proletariado e voltaram à clandestinidade.

crianças, perpassa por ali, ora avança, ora pára.

É assim: Abrem-se os portões ou estreito cancelo da mansão dos mortos. Acendem-se lumés de Fé, que estala também em lágrimas. Ardem círios brancos sobre as tumbas e necrópoles.

Uma luz diáfana, azulejando ténue mas viva, derrama-se, moldura e nimba a memória dos que nos procederam no abandono da caminhada, longa ou curta, da vida... E no céu se põem, bistrados do choro cadenciado, os nossos olhos tristes, enquanto, dentro do peito, o coração freme, e bate.

Quem o não há sentido uma vez? Qual de nós é imune à dor da perda de alguém que amou?

Envolta na xaille negro de viuvez, uma mulher que ajoelha e reza; perolada a face de rócio que lhe vem do coração, a criança, que ali busca ver, na imaginação afogueada pela mais amara das tristezas—(a orfandade)—ou a mãe morta ou o pai desa-

parecido; de pé e macerado, tinnada a cor pelo sol da terra ou pelo sol da dureza da vida, o mancebo que em breve vai às sortes e a jovem, a cor branca da inocência, e que, em breves dias, vai vestir de sépia na manhã esperançosa do noivado— são quadros vivos que, neste dia de Finados, perpassam de estranha gente que vai depor a sua coroa de flores ao pé de um a Cruz. Lá estão os crisântemos!

Pergunto:—será que esta pausa (qual a de Cinzas) durante um ano, em que andamos a pandegar de foz em fora, se insere numa ordem preestabelecida capaz de nos conduzir à serenidade, à reflexão das coisas divinas, e superiores do homem?

Não se me dá nada que o não creia. Antes o aceito e venero no pensamento na crença.

O crisântemo é, assim, uma flor de profundo significado para nós.

Se diante de um cravo vermelho se nos abre o fortalece o ânimo e a coragem; se o lírio nos fala da

pureza da virgem e a rosa atesta a cor rubra do nosso sangue tantas vezes derramado em prol do Bem e da Humanidade; se o malmequer serve para nos indicar o barómetro da felicidade e o trevo a fortuna do amor; enquanto o gladiolo e a avenca vão ter ao ramo das nossas felicitações e a gipsófila ou a flor da laranjeira à coroa ou véu da noiva; se a violeta, frágil e sumida, mas odorosa, vai aos toucados e nelas põe o tom da tristura que comove; se o amor-perfeito, ao lado dum madeixa de cabelo perfumado a ausência e regado a pranto, entre as folhas dum carta de amantes, a scia...; o crisântemo fala-nos da saudade dos mortos. Ele vai aos cemitérios ter com eles, e diz-lhes, conta-lhes das nossas saudades.

Amo-vos, ó crisântemos do meu cemitério!

Em paga desse amor que vos dou, como a criança ao último papagaio que viu subir no ar da sua infância, deixai que vos esparja sobre a campa dos que mais amei nesta vida. Sêde-lhes, assim, o lençol de linho e o travesseiro de bom pano de tergal em que se estendam e declinem a cabeça para descansar eternamente...

—Obrigado, crisântemos!—que vos já vejo ceder ao meu pedido!

PELA FRANQUEIRA

(Continuação da pág. 1)

mo ao Santuário de Nossa Senhora da Franqueira.

Em posição negativa, há quem se esqueça das apostólicas escaladas, realizadas em noites de verdadeiros vendavais.

Em sinal de desagravo, outra força impera, a força dos humildes que não vacilam, a força dos heróis de cristianismo da hora que passa, a envergonhar os que desertam, como advertência aos oportunistas de sempre.

Embalados pela Fé, caminham os Peregrinos, como mensageiros da Boa Nova, a revelar firmeza, fidelidade e perseverança. Foi assim que o Povo de Gois e freguesias circunvisinhas dignificou a luminosa Jornada Eucarística a enriquecer a vida Espiritual do Santuário da Franqueira, cujo Santuário, já se torna pequeno de mais para o elevado número dos seus Peregrinos.

Repicaram os sinos, como alvorada indicativa da Oração, da

alegria e do trabalho. Repicaram os sinos, reuniu-se o Povo que sabe rezar e alegremente caminha na esperança de melhores dias. Os sinos das nossas Igrejas e das remotas Capelinhas, não cessam de tocar, como sinal de vida, perseverança e vigilância. As vozes dos nossos sinos dizem muito e melhor operam na sublime missão de resgatar as nossas consciências.

Imagens belas nos dão a conhecer a Fé do nosso Povo que reza, trabalha, luta pela Paz, pela amizade e pelo bem estar de todos. Assim caminha o nosso Povo neste Minho dos Santuários, neste Norte de extraordinárias virtudes cristãs: Reza, trabalha, enriquece a Pátria e dá Glória a Deus. Eis o seu mais belo exemplo a ditar leis e a pô-las em prática.

Repicam os sinos e o Povo acorda, escuta e segue. Já ninguém vacila e todos saberão cumprir a sua missão. Repicam os sinos das nossas Igrejas e Capelinhas e o Povo alegra-se com a redentora alvorada, anunciada pelas suas vozes.

É o sino que toca, convida, dinamiza e aviva o nosso cristianismo. Imagens belas, jornadas heróicas a revelar Paz, Amizade e Fraternidade, na luta contra a guerra, contra o ódio e contra a injustiça social. Vale a pena ao cristão, ter consciencia do seu revolucionário peregrinar a favor dum

Mundo verdadeiramente cristão, segundo os Evangelhos. Vale a pena ao Cristão vitalizar-se com a Oração, fonte de vida e Salvação.

É assim a vida Espiritual do Santuário da Franqueira e no dia OITO DE DEZEMBRO, será cenário de mais uma apostólica Jornada Mariana que sairá da Igreja Paroquial de Petreiros, devidamente orientada e presidida pelo seu virtuoso Sacerdote Sr. Padre Luiz Mariz.

Farmácia de Serviço

Hoje	Moderna
Amanhã, Domingo:	Central
Segunda-feira:	Oliveira
Terça-feira	José Alves de Faria—Barcelinhos
Quarta-feira	António de Faria
Quinta-feira	Lamela
Sexta-feira	Moderna

DO SOPÉ DO FACHO

(Continuação da pág. 1)

Houve imprudência, não há dúvida; mas seria o proprietário que atirou o tiro, talvez assustado, ou seriam os caçadores dos pardais por terem abusivamente às 3 horas da madrugada evadido a propriedade vedada da residência sem ter pedido ou prevenido ao seu proprietário que queriam lá ir, para que aquele não se assustasse e soubesse tranquilamente o que ali se passava? Não seria o médico de que se tratava de um móvel de roubo, que levou o proprietário a agir daquela maneira, por se tratar dum hora tão remota?

Quem seria que, depois de ler o que se passa todos os dias, não faria aquilo que fez o dono da casa?

É bem triste, e caso para lamentar, repetimos; mas não é caso para atacar aquele que supoz que ia ser atacado, e procurou defender-se.

Creio que só o atacam aqueles que querem uma liberdade mais livre, para que seja só pegar e andar... naquilo que é dos outros.

Houve de facto negligência; que foi a causa do lamentável desastre.

Mas essa negligência só se pode atribuir ao grupo dos caçadores dos pardais—que já não eram crianças, todos com mais de 20 anos, por não datem conhecimento do seu intento, de entrarem àquela suspeitada hora, numa habitação privada, nestes tempos em que tem de haver toda a precaução e coragem, para deter as intenções daqueles que procuram viver à custa dos que trabalham.

Qualquer outro faria o mesmo, e, é caso para servir de exemplo àqueles abusadores que se apropriam do alheio em qualquer parte

e a qualquer hora, mas que se sujeitam a estas tristes consequências, que no fim, são irremediáveis.

ANGELA

Novo Quartel dos Bombeiros V. de Barcelos

A Campanha dos 2.000

Está a ser ouvida a sugestão do nosso conterrâneo Sr. José Ferros, residente na cidade de Aveiro, no sentido de conseguir 2.000 amigos da nossa Corporação, que se disponham a oferecer unidades de 1.000\$00, para se evitar o empréstimo solicitado à Caixa Geral de Depósitos, para a construção do Novo Quartel, em vias de deferimento.

A semana passada recebemos as seguintes ofertas:

De uma senhora anónima, radicada no Porto, mas proprietária no nosso concelho 1.000\$00

De uma generosa benfeitora da nossa Corporação, residente nesta cidade, também recebemos igual quantia.

É um associado anónimo, também nos enviou igual contribuição.

Mas ainda faltam 1.996!...

Quem de sejar colaborar nesta campanha poderá dirigir as suas ofertas à direcção ou Comando ou poderá mesmo entregar na Associação.

PEDITÓRIO

Devido às solenidades do dia, amanhã dia 2, não se realiza o peditório que se vem fazendo no concelho. Prosseguirá no dia 9 de Novembro, visitando-se as freguesias de Góios e Pedra Furada.

Barcelenses da Cidade, do Concelho e Ausentes colaborem na campanha dos 2.000

Oferecendo os 1.000\$00, dum só vez ou mesmo em prestações.

A obra é de todos nós

Falta de espaço

Por tal motivo fica vário original para a próxima semana, o que pedimos desculpa aos nossos prestados leitores.

(Continua na página 3.)

O Barcelense Desportivo

Futebol Nacional da 2.ª Divisão por Leal Pinto

Exibição de futebol primaveril em verão de S. Martinho

GIL VICE-VTE, 4

MARINHENSE, 0

Foi grato prazer, para todos quantos foram no passado sábado ao Campo Adelino Ribeiro Novo, aquecidos pelo entusiasmo que contagiou os barcelenses, assistir a mais um jogo, no qual, a jovem equipa gilista, teria de enfrentar um adversário já experimentado.

Assistência praticamente gilista-barcelense, em quantidade que não seria de esperar em dia de fim de semana, que retirou satisfeito e confiante no futuro do seu gilinheiro, que no decorrer deste campeonato, está a demonstrar ser candidato sério às melhores classificações, não obstante as dificuldades que o pareciam comprometer ao iniciar a preparação, já tardia até para os mais optimistas.

Os primeiros dez minutos foram aproveitados pelo Marinhense, de elementos pesados e possantes, para assustar os barcelenses, em cujo período estiveram à beira de pedir marcar, mas passado esse período, os gilistas mostraram-se mais uma vez senhores das suas possibilidades e adiantando-se com o seu fulgor fizeram 3 golos nos primeiros 45 minutos por intermédio de Lino Vieira, Rucas e Lula, respectivamente aos 23, 30 e 37 minutos, de excelente feitura, especialmente o de Rucas foi espectacular.

A segunda parte foi inteiramente preenchida com jogadas de domínio gilista com excelente futebol, de sintese juvenil, e de tal modo espectacular e sentencioso, obrigou o adversário a acantonar-se e a defender-se da endiabrada acção dos donos da casa que só por ironia do destino fizeram mais um golo, mesma ao declinar dos 90 minutos,